



UM HERÓI NADA MASCARADO:
O *Blog* do Lelê à luz da semiótica

A HERO NOT MASKED AT ALL:
Lelê's *Blog* from a semiotical perspective

Mayra Fernanda Ferreira.
UNESP – Universidade Estadual Paulista

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo analisar semioticamente uma mídia infantil na Web. Como objeto de estudo, adotamos uma história do *Blog* do Lelê, postado semanalmente no portal UOL. Tendo em vista os conceitos semióticos, a partir do percurso gerativo de sentido – postulado por Greimas – visamos identificar os valores empregados na construção do discurso, a fim de verificar as estratégias utilizadas pelo enunciador, para construir uma narrativa que pareça verdadeira e estabeleça uma relação de confiança com a criança usuária.

Palavras-chave: mídia infantil; semiótica francesa; intencionalidade do discurso; contrato de veridicção.

Abstract: This article aims to analyse, under semiotics point of view, a media product for children which is broadcast through internet. As studying corpus was taken one of the stories presented on “*Blog* do Lelê”, a site developed to children in Brazil. A new story is posted to UOL website by Lelê working team weekly. Taking structuralism-semiotics concepts into account such as the generative track for building meaning – as stated by Greimas – we intend to identify what values are activated to produce discourse meaning in order to understand which strategies were used by the enunciator to build up a narrative that looks like not only true but also settles a fiduciary relation between the user child and the narrative author.

Keywords: Infant Media; French Semiotics; Discourse Orientation; Fiduciary Contract

Introdução

A infância é ainda considerada um período mágico da vida, no qual a fantasia se faz presente no cotidiano familiar, escolar e afetivo das crianças. No entanto, quando nos deparamos com produtos midiáticos para o público infantil, é importante analisar quais valores são transmitidos, ao mesmo tempo em que é feita uma representação da infância.

Com a presença da internet no dia-a-dia das crianças¹, o presente trabalho não poderia ignorar a mídia infantil na WEB² como objeto de estudo, uma vez que pretende analisar a construção dos discursos voltados a esse público. Diante de uma variedade de sites infantis, optamos pelo UOL Crianças, visto que é veiculado em um dos mais destacados portais de notícias e entretenimento da internet, o UOL. Entretanto, nesse site infantil, encontramos uma diversidade de seções que contemplam as especificidades das crianças, como histórias, jogos, atividades, lição de casa, etc.

Tendo em mente o objetivo de verificar a relação estabelecida com a criança usuária por meio dos valores imbuídos no discurso, a seção do *Blog* do Lelê caracteriza-se como fonte ideal para nossa análise. Ao articular texto, imagem e interação, por meio dos comentários dos leitores em cada texto, o *Blog* se apresenta como um diário de uma criança – virtual, é claro – que conta suas aventuras e divide suas emoções e anseios com as crianças usuárias.

Com a finalidade de investigar os meandros da construção do discurso no *Blog* do Lelê, adotamos como ferramenta os conceitos da semiótica de linha francesa, uma vez que a entendemos, metodologicamente, como o desvelamento dos diferentes níveis que compõem o texto, tanto no que se refere à enunciação quanto ao enunciado. Postulada por Greimas, a semiótica francesa tem como foco o texto enunciado, visto que o autor afirmava que “fora do texto, não há salvação”. Dessa forma, o foco central de nossa análise é o texto verbal do *Blog*, ou seja, a narrativa “escrita” por Lelê e complementada por alguns comentários, também verbais, dos usuários.

Apropriando-nos do percurso gerativo do sentido, no qual Greimas define os níveis que compõem o texto, pretendemos verificar as estruturas discursivas, narrativas e fundamentais que se articulam em uma história do *Blog* do Lelê. Além de depreender as marcas de objetividade e subjetividade ao longo do discurso, tal análise também nos permite identificar as estratégias utilizadas pelo enunciador, para construir uma narrativa que ‘pareça verdadeira’ e estabeleça uma relação de confiança com a criança-usuária.

Ao analisar essa relação, visamos responder a algumas indagações sobre a representatividade da criança na figura da personagem Lelê, encontrando eco na proposta de Landowski em *Presenças do Outro*. Quando o autor postula que o Outro tem função de levar ao sujeito sua própria imagem, “representando-o” (LANDOWSKI, 2002, p. XI), questionamos qual tipo de criança o Lelê representa, ou melhor, qual simulacro de infância é apresentado no *Blog*. De posse da análise da narrativa “Lelê e o Ralouim”, postada no dia 02 de novembro de 2007, esperamos responder a essas questões, ao mesmo tempo em que seremos estimulados, ao longo do “desvendar” do discurso, a formular novas perguntas e prováveis respostas sobre os valores de uma mídia infantil.

Cabe destacar que a escolha do texto “Lelê e o Ralouim” foi motivada pela incorporação da festividade do Halloween³ ao calendário escolar e, conseqüentemente, ao

¹ Ao nos referirmos a essa relação das crianças com a internet, adotamos a nomenclatura de Geração Net, do autor Dan Tapscott (1999). Segundo o autor, essa geração já nasce em meios às tecnologias, por isso a independência, autonomia e liberdade com que navegam em sites.

² A mídia infantil na WEB está concatenada com as características da infância digital, uma vez que, de acordo com Capparelli (2002), a linguagem hipermediática possibilita a interação e a convergência de linguagens, aproximando-se do universo infantil que surfa livremente pela Internet.

³ Halloween é uma festa comemorativa, celebrada todo dia 31 de outubro, especialmente nos Estados Unidos. Sua origem é celta e está relacionada ao retorno dos espíritos dos mortos aos seus lares, por isso, utilizavam-se elementos assustadores nas casas. Na cultura de consumo, tal festividade é marcada por fantasias e abóboras, o

<http://www.fclar.unesp.br/seer/index.php?journal=casa> 2

repertório infantil. A critério de uma breve contextualização, é importante frisar que o *Blog* do *Lelê* é publicado desde a Copa do Mundo de 2006 no site UOL (<http://criancas.uol.com.br/>) pelo escritor José Roberto Torero. O *Blog* é atualizado às sextas-feiras e, além do texto verbal, conta com fotos e/ou ilustrações sobre o tema discutido na semana. A página do *Blog* apresenta a identificação do “narrador”, no caso o *Lelê*, e um link para o perfil do “tio” do *Lelê*, o escritor Torero. Há também um histórico dos textos e comentários, sistema de busca e indicações de sites do *Lelê* aos usuários.

Após a caracterização de nosso objeto de estudo, partimos para os conceitos semióticos empregados no trabalho, seguidos pela análise propriamente dita do texto “*Lelê e o Ralouim*” (anexo). Por último, articulamos essa análise com as indagações sobre a relação afetiva entre as crianças usuárias do *Blog* e a personagem *Lelê*, que assume um papel de herói, conforme mostraremos nas páginas a seguir.

Notas sobre a metodologia semiótica

Antes de entrar no campo das conceituações e impressões sobre a semiótica, é importante defini-la. Barros (1988) afirma que, segundo Greimas, a semiótica tenta determinar as condições em que um objeto se torna objeto significativo para o homem. Pensando nessas condições, reconhece-se o papel fundamental de qualquer tipo de relação semântica que garanta a significação. “Uma grandeza semiótica qualquer é, por conseguinte, uma rede de relações e nunca um termo isolado.” (BARROS, 1988, p. 13). Dessa forma, a teoria semiótica visa realizar uma análise para conhecer os sujeitos e os objetos do enunciado, a fim de identificar as leis que regem o discurso. Nessa busca de valores imanentes e aparentes, pretende-se verificar a construção do sistema de significação, utilizando como ferramenta o percurso gerativo do sentido.

Como já pontuamos, aplicamos tal percurso para desmontar a construção do discurso no texto “*Lelê e o Ralouim*”. O percurso gerativo mostra o modo de produção de um texto, a partir da articulação dos seus componentes, isto é, dos níveis ou camadas de significação: “Os componentes que intervêm nesse processo se articulam uns com os outros de acordo com um ‘percurso’ que vai do mais simples ao mais complexo, do mais abstrato ao mais concreto.” (GREIMAS; COURTÉS, 1983, p. 206).

Entretanto, conforme nos aponta Barros (2002), essa organização do percurso em níveis não impede que cada um tenha sua descrição autônoma. Podemos portanto considerar o percurso do sentido como a articulação de níveis autônomos, mas interdependentes, o que significa que cada nível colabora com a significação, ou seja, com a construção do sentido no plano do conteúdo. Assim, os níveis articulados garantem a unidade de sentido de um texto. O percurso gerativo pode, então, ser encarado como um edifício, no qual identificamos os alicerces, os andares e a cobertura.

Utilizando essa comparação, pontuamos os três níveis de estruturas que compõem o percurso, a saber: nível fundamental, os alicerces; narrativo, os andares; e discursivo, a cobertura. Essa analogia já nos mostra que “a cobertura” se caracteriza como o nível mais visível e mais próximo do “leitor”, pois é nele que percebemos as marcas da enunciação no texto. Entende-se por enunciação, de acordo com Fontanille e Zilberberg (2001), a mediação entre o mundo do discurso e o mundo natural, visto que pretende “recriar” a realidade por meio da linguagem.

que desperta a atenção de crianças em todo o mundo. (Vide referências bibliográficas: www.suapesquisa.com/datascomemorativas/halloween.htm).

Nesse sentido, podemos considerar a enunciação como o mecanismo pelo qual um enunciador⁴ se relaciona com um enunciatário⁵ por meio de um enunciado⁶, criando efeitos de sentido e valores, os quais podem, ou não, ser incorporados pelo enunciatário. A sintaxe da análise discursiva visa “explicar as relações do sujeito da enunciação com o discurso-enunciado e também as relações que se estabelecem entre enunciador e enunciatário.” (BARROS, 2002, p. 54). Por essa razão, tal análise se debruça sobre as projeções de tempo, espaço e pessoa no discurso, revelando os efeitos de sentido de proximidade e/ou distanciamento da enunciação, garantidos pelas operações de debreagem⁷ e embreagem⁸.

O nível discursivo ainda se ocupa semanticamente das figuras (elementos concretos do efeito de sentido) e temas (elementos abstratos) presentes no conteúdo do discurso. De acordo com Fiorin e Platão (1990, p. 79), “uma figura não tem significado em si mesma. Seu sentido nasce do encadeamento com outras figuras, e o que dá sentido às figuras é um tema.” Nesse contexto, entendemos que as figuras são responsáveis pela identificação de uma certa realidade no discurso, uma vez que se referem a elementos do mundo natural que podem ser reconhecidos pelo enunciatário. Já os temas têm a função de organizar essa rede figurativa.

Diante dessa breve explanação sobre o nível discursivo, depreendemos sua importância para a construção da “verdade”, ou seja, da “veridicção” do discurso. As figuras e temas, ao longo de determinado texto, imprimem certo grau de veridicção. Ao mesmo tempo, as operações de debreagem e embreagem ajudam na identificação das instâncias da enunciação e do enunciado ao se apoiarem nas categorias de tempo, espaço e pessoa. Tais elementos são imprescindíveis para distinguir o enunciador da “voz” que se manifesta no enunciado, além de evidenciar as marcas de objetividade (isenção do enunciador) e de subjetividade (presença implícita do enunciador).

Partindo agora para o nível das estruturas narrativas, temos como referência o programa narrativo (PN) desenvolvido pelos sujeitos em busca de um objeto-valor. Barros (1988, p. 28) explica que essa narratividade tem duas concepções complementares:

(...) narratividade como transformação de estados, de situações, operada pelo fazer transformador de um sujeito, que age no e sobre o mundo em busca de certos valores investidos nos objetos; narratividade como sucessão de estabelecimentos de contratos e de rupturas de contratos entre um destinador e um destinatário, de que decorrem a comunicação e os conflitos entre sujeitos e a circulação de objetos-valor.

A relação entre o sujeito e o objeto é transitiva, visto que na narrativa deve haver um enunciado de estado e um enunciado de fazer ou transformação, seja para o sujeito

⁴ O enunciador é o destinador implícito da enunciação. (GREIMAS; COURTÉS, 1983, p. 150).

⁵ Enunciatário é o destinatário implícito da enunciação. (GREIMAS; COURTÉS, 1983, p. 150).

⁶ “Entende-se por enunciado toda grandeza dotada de sentido, pertencente à cadeia falada ou ao texto escrito.” (GREIMAS; COURTÉS, 1983, p. 148).

⁷ Segundo Greimas e Courtés (1983), debreagem é a projeção actancial, temporal e espacial da enunciação no enunciado, instaurando um não-eu, um não-agora e um não-aqui.

⁸ Embreagem é “o efeito de retorno à enunciação, produzido pela suspensão da oposição entre certos termos da categoria da pessoa e/ou do espaço e/ou do tempo.” (GREIMAS; COURTÉS, 1983, p. 140).

adquirir o objeto (estado de conjunção) ou para se afastar dele (estado de disjunção). Ao destacar essa transformação, a análise desse nível se explica pelo esquema canônico da narrativa, compostos de quatro fases: manipulação, competência, *performance* e sanção. Essas quatro fases são necessárias para que haja alteração na relação inicial do sujeito com o objeto.

Tatit (2003) nos coloca que a manipulação existe devido a um contrato entre o destinador-manipulador e o destinatário-manipulado em uma situação de persuasão. Assim, o primeiro passo da manipulação é fazer o destinatário crer em certo objeto-valor para, em seguida, cumprir o contrato, ou seja, “fazer”, desenvolver a ação proposta. No entanto, para crer, o destinatário precisa querer ou dever fazer. Tais modalizações caracterizam o processo manipulatório, no qual o destinador é investido de um poder ou um saber sobre o destinatário. “O acordo entre destinador e destinatário subtende que ambos os actantes compartilham, ou passaram a compartilhar, opiniões semelhantes a respeito do valor do objeto em pauta.” (TATIT, 2003, p. 192). O quadro abaixo apresenta as operações da manipulação, com base em Barros (2002, p. 33):

Destinador	Destinatário	Manipulação por:
SABER	QUERER	SEDUÇÃO
PODER	QUERER	TENTAÇÃO
SABER	DEVER	PROVOCAÇÃO
PODER	DEVER	INTIMIDAÇÃO

Quadro I – Sobremodalizações da manipulação

Posteriormente à manipulação, o destinatário, como sujeito do fazer, precisa adquirir a competência (saber e/ou poder) para realizar sua *performance*. Nesse processo, o sujeito realiza programas narrativos secundários para se tornar competente e operar a transformação (PN de base). Na fase da *performance*, há a alteração do estado inicial: de conjunção com o objeto-valor o sujeito passa à disjunção, ou vice-versa. Entretanto, nem sempre é o sujeito de estado quem realiza a *performance*, uma vez que o programa narrativo pode ser de doação de um sujeito a outro. Na última fase, a sanção, “o destinador deve confrontar o seu saber a respeito do percurso do sujeito destinatário com o critério de ‘verdade’ decorrente dos acordos estabelecidos entre os actantes” (TATIT, 2003, p. 195). Desse modo, a sanção pode ser positiva ou negativa, de acordo com os valores potencialmente estabelecidos no contrato inicial entre o manipulador e o manipulado e realizados na *performance*.

Em linhas gerais, essa sucinta teorização do nível narrativo se caracteriza como essencial para verificar a construção do discurso, no que se refere às ações dos sujeitos (destinador e destinatário) da narrativa, ao mesmo tempo em que se identifica o valor do objeto que está em jogo nessa relação. Embora os sujeitos do enunciado sejam diferentes, em tese, do(s) sujeito(s) da enunciação, podemos considerar que a narrativa visa criar um efeito de realidade para que o enunciatário aceite a veridicção do discurso. “Um discurso narrativo, qualquer que seja sua complexidade, é, do ponto de vista do enunciador, um objeto construído e, do ponto de vista do enunciatário, um objeto suscetível de receber uma definição generativa.” (GREIMAS, 1996, p. 21).

O quadrado semiótico é o que caracteriza a análise do nível fundamental. Nesse quadrado, destacam-se as oposições mais elementares do discurso, isto é, os valores contrários e contraditórios. “Todo microuniverso semântico contém um índice axiológico, ou

seja, é portador de valores considerados atraentes e repulsivos” (TATIT, 2003, p. 199). A classificação desses valores é denominada categoria tímica, na qual a euforia marca a valorização positiva e a disforia, a negatividade.

Nesse nível, os termos definidos no quadrado semiótico indicam os valores tensivos⁹ na relação entre os sujeitos e o objeto-valor. Porém, como afirma Diniz (2006), em cada passagem de um nível a outro, existe um espaço, o espaço tensivo, no qual se pode analisar a instabilidade do sujeito e a ambivalência do objeto. Diante disso, a análise semiótica do *Blog* visa apontar esses espaços a fim de observar como se caracterizam os sujeitos no desdobramento de suas relações.

Para finalizar estas notas sobre a análise semiótica, devemos esclarecer que a relação entre o enunciador e o enunciatário se estabelece por um “contrato de veridicção”. Nesse contrato, o enunciador é dotado de um fazer persuasivo para que seu discurso ‘pareça’ verdadeiro, enquanto o enunciatário, dotado de um fazer interpretativo, pode crer ou não nesse discurso (GREIMAS; COURTÉS, 1983, p. 485-6). Assim, para o desvelamento dessa relação contratual, o conceito de paixão¹⁰ torna-se necessário, uma vez que observamos quão patêmico e passional é o envolvimento entre esses co-sujeitos da enunciação. Cabe destacar que envolver esses critérios na análise não descaracteriza sua pretensa objetividade, mas auxilia na (des)construção dos sentidos do discurso, já que estamos tratando de sujeitos passionais que, para se entenderem, precisam compartilhar um conhecimento sobre determinado valor, objetual ou subjetal. Esse é o momento da interação, conforme nos aponta Landowski (2004).

A seguir, pretendemos aplicar esses conceitos no texto “Lelê e o Ralouim”, articulando-os com nossa problemática dos valores da infância em uma mídia infantil.

A semiótica no discurso de Lelê

Embora o percurso gerativo do sentido se defina como partindo do mais simples ao mais complexo, as análises geralmente invertem tal pressuposto ao construir um novo discurso sobre o texto, um ‘metadiscurso’ que apreende a enunciação a partir do enunciado, que é a superfície em que se manifestam os temas pela concretude das figuras. Em todo ato de leitura é pela superfície que mergulhamos no texto. No caso em estudo, é assim que se dá a relação da criança usuária com o texto do blog e os valores por ele transmitidos. Começamos, então, com a análise das estruturas discursivas.

No texto “Lelê e o Ralouim”, observamos uma operação de debreagem enunciativa, isto é, o discurso é narrado por um eu-aqui-agora. Assim, o enunciador pressuposto se projeta no discurso como narrador, no caso, o próprio Lelê. Os verbos indicam essa temporalidade e a presentificação do discurso, ao passo que o espaço demarcado garante essa aproximação do enunciatário com a narrativa. Tais projeções na narrativa lhe conferem marcas de subjetividade, mais evidentes em alguns trechos: “eu vou escrever Ralouim mesmo”; “eu achei aquela fantasia legal”; “a gente corria para todo lado, brincando de assustar os outros e estava o maior legal”.

A subjetividade também ganha nitidez quando o narrador Lelê assume a voz do narrador no discurso, em uma operação de embreagem. Exemplificando, temos os diálogos

⁹ A tensividade, de acordo com Zilberberg (apud DINIZ, 2006), é um lugar imaginário que marca as operações de intensidade, relacionadas ao sensível, e as de extensidade, ligadas ao inteligível.

¹⁰ Para Greimas e Courtés (1991), a paixão é a organização sintagmática dos estados de alma, no que se refere ao estar-ser dos sujeitos modalizados.

entre Lelê e sua mãe e com o menino-saci. O exemplo “‘Eu?’, eu perguntei” revela essa delegação de voz no discurso, uma vez que o primeiro “eu” advém da embreagem do narrador, enquanto o segundo é a debreagem enunciativa, já apontada. Esses recursos garantem uma aproximação entre enunciatário e enunciador, criando um efeito de realidade no discurso. Essa ilusão de realidade também é conquistada por meio das debreagens enunciativas de 2º grau, nas quais outros sujeitos (interlocutores do Lelê) se manifestam, via discurso direto, no texto enunciado.

A partir do esquema da hierarquização na delegação de voz no discurso (BARROS, 2002, p. 57), apresentamos sua correspondência com o texto em análise:

Enunciador pressuposto	Narrador no discurso	Interlocutor	Objeto	Interlocutário	Narratário do discurso	Enunciatário pressuposto
Lelê/ Torero (autor)	Lelê	Lelê; Saci; Mãe; Tio.	Mensagem	Lelê; Saci; Mãe; Tio.	Leitores (crianças e comentários)	Crianças Usuárias

Quadro II: Delegação de voz no texto “Lelê e o Ralouim”

Esse quadro revela a diversidade de vozes que há no interior do texto, pois na construção de “uma cena que serve de referente ao texto, cria-se a ilusão de situação ‘real’ de diálogo.” (BARROS, 2002, p.59). Dessa forma, os diálogos entre os sujeitos são fundamentais para que o enunciatário se identifique com o discurso, ou seja, creia na ‘realidade’ apresentada.

Com a finalidade também de aproximar o texto da realidade, encontramos figuras que marcam a unidade do discurso. Como já explicitamos, essas figuras compõem redes que representam determinado tema, ajudando a decifrar a construção do sentido do discurso. No quadro abaixo, visualizarmos a figurativização e a tematização do texto em análise:

FIGURAS	TEMAS
Cartinhas aos pais; Mãe; Tio; Jantar; Quarto.	Escola e família
Halloween, Cabeça de Abóbora; Frankenstein; Super-Homem.	Cultura Estrangeira (EUA)
Monstro; Vampiro, Dragão; Bruxa; Fantasma; Diabo; Esqueleto; Máscara.	Fantasia/Ficção
Saci; Curupira; Mula Sem Cabeça; Capoeira; Monteiro Lobato; Ziraldo; Turma do Pererê.	Folclore/Literatura Brasileira
Chuteira; Short; Camisa Preta; Cartão Vermelho.	Esporte/Futebol
Cachimbo africano; Gorro europeu; Saci.	Miscigenação Brasileira
Vento; Coisas escondidas; Barulhos; Pequenas maldades.	Travessura/Vingança
Historinhas; Brinquedos; Escola; Festa; Cartolina; Menino.	Infância
Redemoinho de vento; Vôo.	Liberdade
Garrafa; Peneira.	Prisão
Capacete de Polícia; Juiz ladrão; Arma; Fogo.	Força/Imponência
Um pé só; Fantasia igual; Roupas comuns.	Diferença
Dinheiro; Proprietário.	Autoridade

Quadro III: Figuras e temas no texto “Lelê e o Ralouim”

Diante do exposto acima, verificamos que no texto existe uma isotopia¹¹ figurativa, uma vez que a redundância de figuras, principalmente no que se refere à fantasia e ao folclore, garantem uma imagem organizada da realidade, criando uma ilusão de realidade. Ao utilizar ancoragens¹², como Monteiro Lobato e Ziraldo, o texto estabelece relações com o mundo natural, contribuindo para o reconhecimento da “veracidade” do discurso. Nos temas

¹¹ “A noção de isotopia conserva a idéia de recorrência de elementos lingüísticos, redundância que assegura a linha sintagmática do discurso e responde por sua coerência semântica.” (BARROS, 1988, p.124)

¹² Segundo Barros (2002), a ancoragem é um procedimento semântico que utiliza figuras (pessoas, lugares e datas reais), as quais são reconhecidas pelo destinatário, produzindo, então, um efeito de sentido de realidade.

destacados, observamos alguns dos valores que o discurso transmite, tais como a valorização da cultura brasileira, a importância do convívio familiar e da brincadeira na infância e a questão das diferenças, valores importantes quando tratamos da formação das crianças. Percebemos assim que, por meio das figuras e temas assinalados, o discurso visa enfatizar a infância e sua formação escolar e familiar, a partir da brincadeiras e travessuras, como atos fundamentais para que a criança conheça a cultura do folclore, no contexto sócio-histórico ao qual pertence. A análise das estruturas narrativas e fundamentais contribuirá para evidenciar essa afirmação.

A narratividade em “Lelê e o Ralouim”

Ao observamos a construção da narrativa nesse texto, destacamos três programas narrativos que se complementam para que o PN de base se realize eficazmente. Para identificar esse PN, devemos sintetizar a narrativa para, em um primeiro momento, identificar os sujeitos e o objeto-valor. Na narrativa está o Lelê, participando com seus amigos da festa de *Halloween* da escola, à qual ele deveria ir fantasiado. Durante a festa, Lelê percebe um menino sozinho, com uma fantasia diferente. Ao dialogarem, descobre que o menino está vestido de saci, embora não saiba quem é o saci. A partir da conversa, Lelê entra em contato com informações até então desconhecidas, que lhe agradam muito. Porém, de repente, ocorre uma confusão na festa e o menino-saci desaparece. Em síntese, essa é a base da narrativa, na qual identificamos dois sujeitos centrais (Lelê e o menino-saci) e alguns objetos-valor (fantasia, festa e informações sobre o folclore). Começamos, então, a identificar os programas narrativos, sendo o terceiro o PN principal, chamado “de base”.

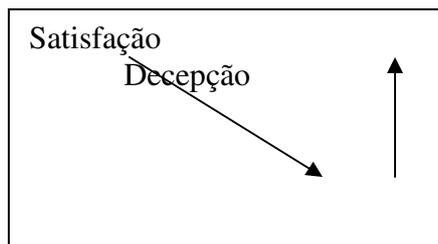
1) PN de aquisição da fantasia:

$$\text{PN}^1: S^1 = [S^1 \cup \text{Ov} \rightarrow S^1 \cap \text{Ov}] - \text{Ov} = \text{fantasia}$$

Nesse PN, Lelê, enquanto sujeito de estado, encontra-se disjunto do objeto-valor (fantasia) e quer passar para um estado de conjunção com esse objeto. Seguindo o esquema canônico, Lelê é manipulado por um destinador coletivo (comunidade escolar). A estratégia utilizada é a sedução, uma vez que o destinador utiliza seu saber (importância da festa escolar para o menino) para instaurar no sujeito um *querer* (ir à festa de fantasia). A passagem “Mas todo mundo vai de fantasia” já identifica a ocorrência da manipulação, porque Lelê mostra o quanto quer uma fantasia para a festa.

Durante o diálogo com a mãe e o tio, Lelê adquire a competência. A fala do tio “você tem uma fantasia excelente aqui em casa mesmo” evidencia a aquisição do saber e do poder por parte de Lelê, já como sujeito do fazer. Ao chegarem ao quarto, Lelê realiza sua *performance*, quando vê a fantasia indicada pelo tio: a de ‘juiz ladrão’. De posse da fantasia, a partir da frase “eu achei aquela fantasia legal”, a sanção é positiva, embora Lelê ainda a compare com seu querer inicial (fantasia de dragão que soltava fogo). Observamos também a sanção na fala do tio “aposto que ninguém vai ter uma fantasia igual”, que confere um caráter de individualidade à fantasia do Lelê, concretizado pela figura “mas era bem diferente”.

Dentre os diversos componentes desse PN, identificamos uma oposição, que se torna relevante para analisar a relação de Lelê com sua mãe. Quando ele pede à mãe uma fantasia de dragão e ela a nega, o menino se decepciona. Podemos, assim, construir o seguinte quadrado semiótico:



Quadro IV: Quadrado semiótico PN¹

Os contrários – satisfação x decepção – indicam o percurso narrativo do sujeito Lelê em busca do objeto-valor ‘fantasia’. No texto, notamos as passagens desse percurso nos trechos: “eu pedi para a minha mãe uma fantasia de dragão” (satisfação); “mas ela disse que estava sem dinheiro para comprar” (não-satisfação); “aí eu fiquei tão triste” (decepção). Nessa relação percebemos nitidamente, como ‘valores’, a autoridade da mãe e a obediência do filho que, embora decepcionado, aceita a situação e se direciona para um novo objeto-valor, que não é mais a fantasia de dragão, como vimos no PN acima.

A partir dessa ação, a narrativa prossegue com a festa do “Ralouim” na escola, na qual Lelê encontra uma situação diferente, que consideramos como o PN².

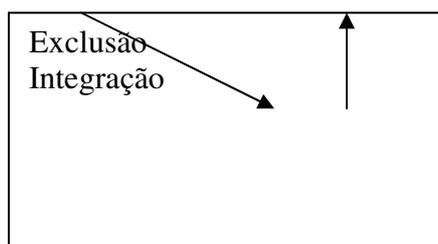
2) PN de integração do menino-saci à festa

$$PN^2: S^2 = [S^2 \cup Ov \rightarrow S^2 \cap Ov] - Ov = festa$$

O PN² descreve a ação do menino-saci (S²) para se integrar à festa, uma vez que ele se encontrava quieto em um canto até a chegada de Lelê. Nesse contexto, o S² é o sujeito do fazer e de estado, uma vez que é ele quem opera sua transformação ao iniciar o diálogo com o Lelê. No PN em questão, observamos a manipulação por provocação, visto que o destinador (comunidade escolar) sabe a importância da festa para S², instaurando nele um dever-fazer a fim de que ele cumpra sua função na festa, como veremos adiante no PN de base.

Ao iniciar o diálogo, S² já demonstra seu poder e saber (competência modal) para realizar sua *performance*, ao responder à primeira questão do Lelê “Você está vestido de quê?”. Quando o menino-saci começa a explicar sua fantasia, ele já está em conjunção com a festa, uma vez que estabeleceu um contrato com o Lelê, o que deixa implícita uma sanção positiva. E tal sanção será confirmada no PN básico.

No atual PN, o quadrado semiótico abaixo representa claramente a ação de S².



Quadro V: Quadrado semiótico PN²

O percurso do S² é mostrado nos trechos: “eu vi um menino num canto” (exclusão); “eu fui lá e perguntei” (não-exclusão); “ele respondeu” (integração). É importante verificar que, a partir desse PN, Lelê se evidencia como uma pessoa amável, que se preocupa com o ‘estranho’. Como já destacamos, o diálogo que começa a se estabelecer entre os sujeitos é o que caracteriza o PN de base, no qual o objeto-valor é o conhecimento sobre o folclore, que S² tem e S¹ passa a querer.

3) PN base: PN de aquisição do conhecimento sobre o folclore

PN de base: S² = [S¹ U Ov → S¹ ∩ Ov] – Ov = conhecimento do folclore

O PN de base se caracteriza pela aquisição do objeto-valor principal da narrativa pelo sujeito de estado, no caso o Lelê. Porém difere dos anteriores porque o sujeito de estado não é o sujeito do fazer, o que caracteriza um PN de aquisição por doação. Isto é, Lelê se comporta como sujeito de estado porque está em disjunção com o objeto-valor e quer estar em conjunção com ele, porém tal transformação só é possível a partir da *performance* do menino-saci, que é quem tem a competência para doar o objeto-valor e, assim, transmiti-lo para Lelê.

Como se estabelece o contrato entre os sujeitos, a partir da interação, evidenciada no PN², a manipulação não encontra entraves, uma vez que “só será bem-sucedida quando o sistema de valores em que ela está assentada for compartilhado pelo manipulador e pelo manipulado, quando houver uma certa cumplicidade entre eles.” (Barros, 2002, p. 33). Assim, no PN principal, os dois sujeitos reconhecem o valor do objeto (folclore): Lelê por sua curiosidade¹³, e o menino-saci por sua competência, já que sua fantasia representa um elemento do folclore brasileiro.

A estratégia da manipulação opera-se por sedução e tentação, visto que o menino-saci sabe que Lelê desconhece o objeto-valor e pretende estimulá-lo a querer tal conhecimento sobre a cultura brasileira, ao mesmo tempo em que tem o poder de fazê-lo querer tal objeto, tendo em vista sua competência, ao representar um elemento dessa cultura (o saci). Além disso, podemos afirmar que o menino-saci também se automanipula para executar o PN de base, pois é o sujeito do fazer. Esse processo é denominado por Greimas e Courtés (1991) como decisão: “Se concibe que en el seno del hacer persuasivo se coloca un hacer decisional referido a un PN cognitivo en donde el Destinador es, él mismo, el sujeto operador.” (GREIMAS; COURTÉS, 1991, p. 159)

Ao mesmo tempo, quando Lelê aceita a manipulação, estabelece-se uma relação de fideducía com o manipulador, uma vez que seu fazer interpretativo também engloba a veridicção e um saber sobre o estar/ser do destinador-manipulador. Nesse sentido, o contrato entre os dois sujeitos revela um conhecimento compartilhado, numa relação patêmica. Os trechos “E o que é um saci?”, “Ninguém sabe o que é um saci. Aposto que você também não conhece Curupira e Mula-sem-cabeça, né?” e “Não conheço mesmo” mostram a afetividade presente já no início do contrato de manipulação.

Em seguida, as explicações do menino-saci continuam a instigar Lelê, que passa a querer o objeto-valor, mostrando um interesse maior a cada informação. Utilizando-se então de sua competência (saber sobre o folclore e poder para realizar travessuras), o sujeito do fazer (menino-saci) realiza sua *performance*, que ele mesmo chama de ‘vingança’.

¹³ Ao utilizarmos o termo curiosidade na relação entre Lelê e o folclore (objeto), partimos também da concepção de intencionalidade, uma vez que esta é uma relação primitiva entre um sujeito de carência e desejos e um objeto ao qual ele incorpora um valor. (GREIMAS; COURTÉS, 1991, p.141)

Retomando o PN², no qual o estado inicial de S² era de exclusão, e acrescentando a indiferença e desconhecimento de Lelê sobre o folclore, como em “esse tal de saci”, podemos afirmar que, de certa forma, é a paixão da vingança que move a ação de S².

Do mesmo modo, Lelê mostra sua paixão pelo objeto-valor, especialmente quando sanciona positivamente, mesmo antes da *performance*, a fantasia do menino-saci no trecho “Caramba!essa sua fantasia é o maior legal”. Posteriormente à ação vingativa de S², há a sanção final, ainda que implícita, da aquisição do objeto-valor: Lelê encerra sua narrativa com “Ele ia achar isso o maior engraçado”.

Ao longo do PN de base, verificamos a relação afetiva dos sujeitos entre si e com o objeto-valor, na medida em que a narrativa apresenta situações de desconhecimento, indiferença, despertar de interesse e atratividade. Todo o percurso desse PN visa construir um discurso, no qual o menino-saci se apresente como o autor “verdadeiro” da ação, embora Lelê não reconheça explicitamente esse fato. E Lelê é tido como uma criança curiosa, amável e responsável. As perguntas que faz ao menino-saci revelam sua curiosidade, ao passo que os trechos “Pena que o menino vestido de saci tinha sumido” e “eu tive que fechar os olhos” caracterizam, respectivamente, os demais valores que Lelê representa para a infância.

Assim como nos PNs anteriores, há uma oposição que caracteriza a tensividade e a passionalidade das relações e valores assinalados acima. Tal oposição será demonstrada na análise das estruturas fundamentais.

Os valores centrais do discurso

Ao analisar as estruturas discursivas e narrativas, identificamos a oposição central que permeia todo o texto: a dualidade conhecido x estranho. Apesar de ‘estranho’, aparentemente, ser um termo disfórico, no discurso ele é eufórico, visto que é a busca do sujeito principal, Lelê, ao longo da narrativa. Verificamos a euforia na sanção do PN de base pela afirmação “ele ia achar isso o maior engraçado”. Como a ação do menino-saci é sancionada positivamente por Lelê, observamos a valorização do objeto, no caso o folclore, por ambos os sujeitos. Assim, o quadrado semiótico se constrói da seguinte maneira:



Quadro VI: Quadrado semiótico PN básico

O quadrado mostra o percurso narrativo de Lelê: ele parte do conhecido (sua “realidade” e dos seus amigos), evidenciado nas fantasias dos meninos e na comparação com o Super-Homem, herói da infância moderna, e se dirige para o estranho, revelado na figura do menino vestido de saci, que representa a cultura do folclore brasileiro. Observamos também que essa valorização do estranho leva a narrativa do disfórico (quando Lelê desconhece o objeto-valor) para o eufórico (momento da aquisição do conhecer + saber + crer no objeto).

Encontramos a descrição dessa situação, que nos remete ao PN de base, em Fontanille e Zilberberg (2001, p. 265-6):

Situamos o *conhecer* num espaço cognitivo onde um sujeito, modalizado pela curiosidade e atenção, e que se atribui ou a quem é atribuída certa perspicácia, dispõe-se a ‘penetrar’ um objeto que considera – ou que é considerado – como misterioso e mal conhecido. [...]. O *saber*, por sua vez, depende da acessibilidade desse conhecimento e, por conseguinte, das interdições ou facilidades que o sujeito encontrará: o enunciado a que o conhecimento chegou, será protegido ou revelado? Por fim, o *crer*, que com razão foi identificado a um ‘ter por verdadeiro’, acrescenta ou não um valor de *verdade* cuja base é fiduciária.

Como já destacamos, desde o início do contrato entre Lelê e o menino-saci, há uma relação afetiva, cuja base é a confiança. Dessa forma, os valores consignados ao objeto-valor já revelam um contrato de crença por parte de Lelê, razão pela qual pontuamos o estranho na categoria tímica da euforia. Pensando na tensividade fórica, como nos coloca Fontanille e Zilberberg (2001), a relação intersubjetiva dos sujeitos é marcada pela confiança, enquanto a do sujeito com o objeto se caracteriza pela crença.

Articulando, então, os espaços tensivos com a análise das estruturas fundamentais, verificamos a categorização desse objeto, que ora é tido como eufórico, ora como disfórico. O adjetivo “legal”, ao longo da narrativa, pontua a euforia, enquanto o uso do pronome demonstrativo “tal” nos revela uma pseudo-indiferença em relação ao objeto. Observamos também a instabilidade dos sujeitos. Ao mesmo tempo em que Lelê se mostra “preso” à sua “realidade” (e dos seus amigos), especialmente durante a aquisição de sua fantasia, ele se revela curioso quando percebe a “diferença”, representada pelo menino-saci. Este, por sua vez, coloca-se como o diferente/excluído para, então, transformar-se no sujeito dotado do conhecimento que Lelê busca como objeto-valor.

Diante disso, destacamos que é nesses espaços tensivos que se deixam entrever os valores axiológicos do discurso. Tais valores serão evidenciados na relação enunciador-enunciatário, à qual nos direcionamos a partir de agora.

Lelê e a criança: uma relação de herói

Quando nos voltamos para a análise da enunciação, o objetivo é desvendar a intencionalidade do discurso. Assim, no texto “Lelê e o Ralouim”, a partir das pistas e/ou marcas deixadas no enunciado, como assinalamos nas análises acima, podemos afirmar que o texto visa resgatar e valorizar a cultura brasileira, tendo como foco o folclore, desde a educação escolar das crianças. Ao mesmo tempo, percebemos que a infância moderna está envolta em uma nova cultura, na qual os valores mais importantes encontram-se escondidos, ou seja, são tidos como estranhos.

Nessa perspectiva, o enunciador utiliza certos mecanismos para que o enunciatário creia em seu discurso e, então, passe a reconhecer o valor do folclore. O mecanismo de debreagem, que cria uma ilusão de realidade por meio da narrativa em diálogos, contribui para a aproximação do discurso à “realidade” infantil, uma vez que está pressuposto que o enunciatário seja uma criança. Ao mesmo tempo, ao retomar elementos do cotidiano infantil, o enunciador garante um efeito de sentido ligado à infância, já que “o sentido experimentado nasce de ajustamentos recíprocos e dinâmicos, por ‘contágio’ entre parceiros engajados na experiência vivida.” (LANDOWSKI, 2004, p. 01).

Diante disso, observamos a necessidade de um conhecimento compartilhado de infância entre o enunciador e o enunciatário para que o texto seja atraente e mergulhe no universo infantil, chegando ao imaginário a fim de influenciar a criança usuária com os juízos de valor que perpassam o discurso. No texto analisado, há essa relação estética e passional entre os sujeitos da enunciação, visto que é a intensividade que marca as escolhas do enunciador no discurso, especialmente quando ele utiliza elementos do cotidiano infantil, em casa e na escola de Lelê, o que desperta o interesse e a curiosidade do enunciatário (criança usuária do *Blog*) ao identificar a realidade do discurso como próxima à sua.

O efeito de sentido passional é de fato, na perspectiva que defendemos, eminentemente cultural, repertoriado numa ‘enciclopédia’ específica do domínio passional peculiar a cada cultura. De certo modo, vivenciar uma paixão seria mesmo conformar-se a uma identidade cultural e buscar a significação de nossas emoções e afetos. (FONTANILLE; ZILBERBERG, 2001, p. 299).

Nesse contexto, para o enunciatário crer no discurso, o fazer persuasivo do enunciador deve perpassar elementos que promovam uma sanção intersubjetiva e social, estimulando uma paixão entre ambos. No caso analisado, a paixão entre a criança usuária e o discurso que se desenrola fica evidente nos comentários sobre o texto, uma vez que neles encontramos a ratificação do discurso como verdadeiro. Alguns exemplos de comentários (anexo) demonstram que o contrato de veridicção estabelecido foi bem-sucedido, uma vez que as crianças reconhecem que o autor das travessuras foi o ‘saci’ e também revelam sua afetividade para com os sujeitos.

O comentário “oi lêê eu não acredito em saci mas eu acho q esse garoto q fez essas travessuras vlw OBS:ODEIO HALLOWEEN” confirma que a interação no discurso foi atingida, embora a criança manifeste sua crença e, de certa maneira, não interaja com a festividade da mesma forma que Lelê. Já o exemplo “aquele menino era um saci mesmo e lembra quando ele disse que ninguém conhecia o saci e disse que ia se vingar? aquele vento foi ele no redemoinho se vingando dos outros” mostra que a criança compreendeu e tomou como ‘verdadeiro’ todo o percurso da narrativa.

É importante frisar que essa relação entre enunciador e enunciatário continua, mesmo com o fim do discurso, ou seja, sua postagem no *Blog*, deixando comentários, é a interação que prevalece. A importância da interação é evidenciada em Landowski (2004), quando o autor pontua a fase de contato corpo a corpo entre os sujeitos, o que revela a estesia da relação. É exatamente isso o que ocorre no *Blog*.

É essa paixão que direciona a leitura e a caracterização dos sujeitos do discurso. Os valores axiológicos transmitidos a partir de Lelê nos remetem a uma caracterização idealizada da infância, na qual os filhos são obedientes em casa, mantêm relações inocentes com seus amigos na escola e são crianças inteligentes, curiosas e aventureiras. Devido a esses valores, consideramos Lelê como um herói, uma vez que suas ações apresentam conotações eufóricas.

Utilizando as representações de Landowski (2002), podemos afirmar que Lelê é um herói mediador, visto que se dirige a um público, que o reconhece como ser de carne e de paixão tanto quanto de razão. Nos comentários das crianças usuárias, observamos a identificação com Lelê, relacionando as aventuras da narrativa com seu próprio cotidiano. “O herói, para impor-se como tal, deve por conseguinte beneficiar-se de uma conjuntura que lhe permita figurar ao mesmo tempo tanto o ‘ser’ como o ‘fazer’ da coletividade – sua *identidade*

para si mesmo e seu devir” (LANDOWSKI, 2002, p. 200). Essa citação mostra como o herói representa seus “súditos”, por isso Lelê torna-se uma representação heróica da infância.

Suas atitudes, falas e comportamentos são dignas de serem copiadas pelas crianças, já que o discurso, ainda que autoritário, mostra os valores de Lelê como positivos, a partir de sua relação com os outros sujeitos e com o objeto almejado. Quando busca conhecer o estranho, Lelê se comporta como uma criança amável, que ao mesmo tempo em que se diverte está antenado com o que ocorre ao seu redor. Ao perceber o diferente (menino-saci), aproxima-se para torná-lo igual, porém, vê-se diante de ‘algo novo’ (cultura do folclore), que o instiga e o faz descobri-lo para, então, transmiti-lo aos demais. E essa missão heróica faz com que reconhecamos no Lelê o bom filho e amigo de todos.

Retomando a indagação inicial sobre o simulacro de infância representado no *Blog*, podemos evidenciar o estereótipo de criança que se porta como herói em todos os meandros de seu cotidiano. E, tendo Lelê como herói, a infância que ele representa é, então, retratada com a mesma magia e fantasia, na qual o bem sempre vence e todos são felizes no final.

Considerações finais

Fazer a criança crer em um discurso no qual se apresenta uma representação de infância foi o que encontramos na análise do *Blog* do Lelê. À luz da semiótica francesa, no que se refere ao percurso gerativo do sentido, desvelamos a construção do discurso no texto “Lelê e o Ralouim”. Embora alguns elementos do texto não tenham sido explorados exaustivamente, podemos afirmar que, ao longo da análise, identificamos os valores axiológicos que norteiam o sentido do discurso.

A caracterização do Lelê como herói é o exemplo máximo de um valor infantil, caracterizado por adultos e estimulado nas crianças usuárias, que se identificam com a figura do menino. Dessa forma, não está subtendida no texto a valorização de uma infância na qual a fantasia tem lugar garantido. Ao mesmo tempo, a visão idealizada dessa infância nos leva a questionar se o discurso é condizente com a realidade vivenciada pelas crianças usuárias do *Blog* no mundo da realidade. Tal questão se contrapõe à relação afetiva que algumas dessas crianças mostram nos comentários, especialmente com relação a Lelê. Elas acreditam e confiam no menino, enfim, elas o adoram.

Nesse sentido, observa-se o reconhecimento de um contrato passional entre enunciador e enunciatário, no sentido de que a confiança e a crença no discurso se estabelecem. Esse contrato é, em muitos momentos, baseado na busca de elementos da infância na narrativa, como os adjetivos “legal” e “engraçado” e os elementos que remetem ao cotidiano escolar e familiar. A respeito dessa relação familiar, cabe fazer um questionamento sobre a projeção do tio do Lelê, tanto na narrativa quanto na identificação do perfil do Lelê. Será o tio “real” o mesmo tio presente no texto? Respondendo afirmativamente a essa questão, reforçamos a subjetividade do texto e a relação ‘veridictória’ com os leitores usuais.

No entanto, é a afetividade para com os sujeitos discursivos e com o objeto-valor que garantem um fazer persuasivo bem-sucedido, acompanhado de um fazer interpretativo, no qual não há lacunas para dúvidas ou desconfianças. O percurso da narrativa conduz às sanções positivas que desvelam a paixão e a felicidade que motiva nosso herói, o Lelê. Ou melhor, a infância se torna heróica, uma vez que o menino está reproduzindo, mesmo que de forma idealizada, uma criança marcada por aventuras e descobertas, mas com responsabilidade e inteligência e, especialmente, relações afetivas em que a imagem que prevalece é a de uma ‘boa criança’, conforme os critérios estabelecidos pelos adultos.

Assim, um herói nada mascarado representa valores de uma infância que recebe os discursos com naturalidade e os aceita devido à magia da construção de um sentido que a afeta de forma passional.

Referências Bibliográficas

- BARROS, D. L. P.de. **Teoria do Discurso**: fundamentos semióticos. São Paulo: Atual, 1988.
- _____. **Teoria semiótica do texto**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2002.
- BLOG* do Lelê. Disponível em: www.Blogdolele.Blog.uol.com.br. Acesso 21 out. 2007.
- CAPPARELLI, S.. Infância digital e cibercultura. In: PRADO, José Luiz Aida (Org.). **Crítica das práticas midiáticas**: da sociedade de massa às ciberculturas. São Paulo: Hacker Editores, 2002, p. 130-145.
- DINIZ, M. L.V. P. Tensividade em notícia: a práxis enunciativa no telejornal. **Revista Ícone** do Programa de Pós-graduação em Comunicação. Universidade Federal de Pernambuco. Ano 7. n. 9. Recife : Contraluz, dez. 2006.
- FIORIN; J.L.& PLATÃO. **Para entender o texto**: leitura e redação. São Paulo: Ática, 1990.
- FONTANILLE, J.; ZILBERBERG, C. **Tensão e significação**. Tradução de Luiz Tatit; et al. São Paulo: Discurso Editorial/ Humanitas, 2001.
- GREIMAS, A. J. A sopa ao “pistou” ou a construção de um objeto valor. In: **Significação-Revista Brasileira de Semiótica**, n. 11/12, set. 1996, p. 07-21.
- ____; COURTÉS, J. **Semiótica**: diccionario razonado de la teoria del lenguaje. Tradução de Enrique Ballón Aguirre. Madrid: Editorial Gredos, 1991.
- ____; COURTÉS, J. **Dicionário de semiótica**. Tradução de Alceu Dias Lima; et al. São Paulo: Cultrix, 1983.
- <http://www.suapesquisa.com/datascomemorativas/halloween.htm>. HALLOWEEN – Dia das bruxas. 2007. Acesso 10 fev. 2008. (sem autor).
- LANDOWSKI, E. **Presenças do Outro**. Tradução de Mary Amazonas Leite de Barros. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- ____ **Paixões sem nome**. 2004. Tradução de Mariza Mendes. Disponível em: www.gescom-unesp.com. Acesso 21 out. 2007.
- TAPSCOTT, D. **Geração Digital**: a crescente e irreversível ascensão da Geração Net. Tradução de Ruth Gabriela Bahr. São Paulo: Makron Books, 1999.
- TATIT, L. Abordagem do texto. In: FIORIN, J.L. (Org.). **Introdução à lingüística I**: objetos teóricos. São Paulo: Contexto, 2003.

ANEXOS

Corpus de análise

Lelê e o Ralouim

Esta semana lá na escola teve uma festa de um negócio chamado Halloween (se escreve desse jeito esquisito, mas se fala Ralouim. Será que não era mais fácil escrever do jeito que se fala? Bom, eu vou escrever Ralouim mesmo).

Essa festa de Ralouim é legal porque todo mundo se veste de monstro e de outras coisas ruins, tipo vampiro.

Antes da festa mandaram umas cartinhas para os pais avisando que a gente podia usar fantasia no dia de Ralouim. Aí eu pedi para a minha mãe uma fantasia de dragão que soltava fogo de verdade, mas ela disse que estava sem dinheiro para fantasia e eu ia ter que ir com uma roupa comum mesmo.

“Mas todo mundo vai de fantasia...”, eu disse.

“Dessa vez não vai dar, Leocadinho.”

Quando ela me chama de Leocadinho é porque ela até quer fazer o que eu peço, mas não dá mesmo.

Aí eu fiquei tão triste, mas tão triste que nem deu vontade de chorar, só de ficar quieto.

Então o meu tio, que estava lá jantando porque ele não sabe cozinhar nada, falou: “Mas você tem uma fantasia excelente aqui em casa mesmo!”

“Eu?”, eu perguntei.

“É, vem aqui.”

Aí nós três fomos até o meu quarto. Então o meu tio abriu as minhas gavetas e tirou um par de chuteira, um short e uma camisa preta. Depois olhou nos meus brinquedos e achou um apito meio velho (que tinha vindo com um capacete de polícia) e disse: “Pronto, você vai de juiz-ladrão. Não tem monstro mais terrível que juiz-ladrão! Aposto que ninguém vai ter uma fantasia igual.”

“E eu ainda vou te fazer uma arma poderosa: um cartão vermelho!”, disse a minha mãe (que depois fez o cartão com um pedaço de cartolina).

Eu achei aquela fantasia legal. Não soltava fogo, mas era bem diferente.

Bom, quando chegou o dia de Ralouim, enfeitaram a escola com um monte de cabeças de abóbora.

Os meus amigos também tinham umas fantasias: a Neiva foi de bruxa (e levou até uma vassoura), o Aurelius foi de Frankenstein, o Zepa foi de fantasma, o Zóio foi de diabo e o Rony foi de esqueleto.

A gente corria para todo lado, brincando de assustar os outros e estava o maior legal. Mas aí eu vi um menino num canto que tinha uma fantasia diferente e estava meio quieto.

Eu fui lá e perguntei: “Você está vestido de quê?”

“De Saci Pererê”, ele respondeu.

“E o que que é um Saci?”, eu perguntei.

“Pois é, por isso é que eu estou triste. Ninguém sabe o que é um saci. Aposto que você também não conhece Curupira e Mula-sem-cabeça, né?”

“Não conheço mesmo.”

“Assim não dá pé...”, disse o menino. E aí olhei para os pés dele e vi que ele só tinha um. Então eu perguntei: “Você nasceu com uma perna só?”

Ele respondeu: “Não, perdi a perna numa luta de capoeira.”

“E esse gorro e esse cachimbo?”

“Fazem parte da minha roupa. O cachimbo é africano, e o gorro é europeu. O Saci é uma coisa bem misturada.”

“E o que que o Saci faz?”

“Muitas travessuras!”

“Legal!”

“Ele assusta o pessoal nas ruas escuras, esconde coisas nas casas (tipo tesourinha, chave e óculos), faz barulhos no mato para assustar cavalo, azeda o leite, embarça novelo de linha, bota mosca nas sopas... Teve um escritor que disse que ‘ele não faz maldade grande, mas não tem maldade pequena que ele não faça’.”

“Que escritor?”

“Um tal de Monteiro Lobato. Ele tinha umas sobrelhas que pareciam duas taturanas. E também tem um outro que gosta de mim, um tal de Ziraldo. Ele até fez umas historinhas chamadas ‘[A turma do Pererê](#)’.”

”E o Saci sabe voar?”

“Mais ou menos. Ele anda dentro de uns redemoinhos de vento.”

“Pô! E ele tem alguma fraqueza, tipo assim que nem a kryptonita do Super-Homem?”

“Claro. Para prender o Saci Pererê é só você jogar uma peneira em cima do redemoinho. Depois tem que tirar o gorro e jogar o Saci dentro de uma garrafa. E aí ele vai obedecer o proprietário.”

“Caramba!, essa sua fantasia é o maior legal. Pena que ninguém conhece esse tal de Saci.”

“É, ninguém... Mas isso não vai ficar assim. Eu vou me vingar!”

Aí, justo nessa hora bateu o maior vento e eu tive que fechar os olhos. Quando eu abri de novo estava tudo a maior confusão: as abóboras tinham caído, o chapéu da Neiva tinha sumido, o lençol do Zepa tinha voado para cima do bolo e a máscara de Frankenstein do Aurelius estava na nuca dele.

Pena que o menino vestido de Saci tinha sumido. Ele ia achar isso o maior engraçado.

Escrito por **Lelê** às **00h36**

UOL Blog - Comentários

[Linda] [Fortaleza]

Oi lele lembara de mim? fora isso,aquele menino era um saci mesmo e lembra quando ele disse que ninguém conhecia o saci e disse que ia se vigar?aquele vento foi ele no redemuinho se vingando dos outros .tá acho que foi isso. thau lele. adoro seu blog.

02/11/2007 19:51

[fe]

Oi Lele!! Naum acredito q vc nao conhecia o saci!!!! mas achei legal q depois da ventania ele sumiu.Sera q ele tem efeitos especais ou é verdade(claro q nao)?

03/11/2007 17:41

[fer]

Ele era um saci néh??

04/11/2007 10:39

[marineide]

hahaha um saci gosto do te blog lele

09/11/2007 14:09

[karen]

oi lêlê eu não acredito em saci mas eu acho q esse garoto q fez essas travessuras vlw
OBS:ODEIO HALLOWEEN

09/11/2007 22:31